

2 EMPREGO E RENDA

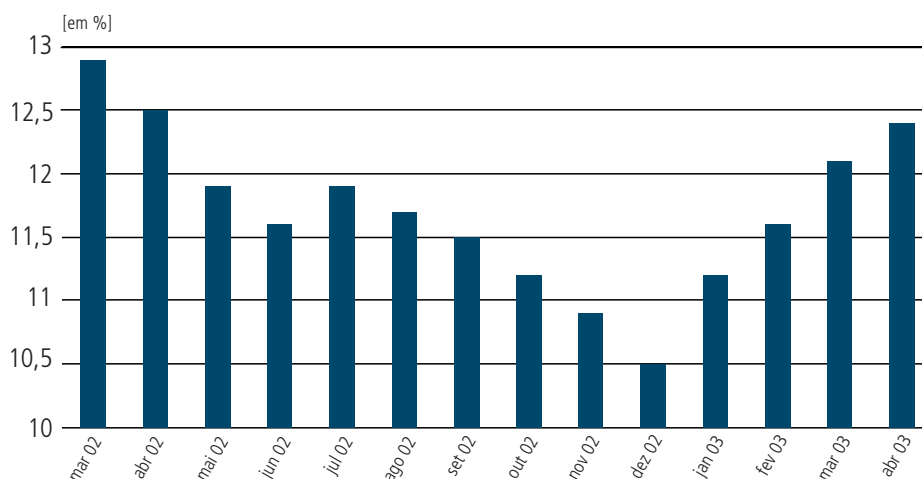
Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, os indicadores do mercado de trabalho metropolitano nos primeiros meses de 2003 não permitem ainda traçar um panorama mais claro dos desdobramentos que podem ser esperados para o restante do ano, uma vez que a evolução ocorrida até abril apresenta dados até certo ponto contraditórios.

No que se refere ao nível de ocupação, o crescimento de quase 1% verificado em janeiro sobre dezembro de 2002 — na contramão daquilo que o padrão sazonal indicaria — foi realmente auspicioso. Contudo, ele não foi seguido de novos sinais de dinamismo. De fato, a recuperação havida depois da esperada queda em fevereiro foi tímida, com o nível de ocupação em abril sendo apenas ligeiramente superior ao de janeiro, embora na comparação com abril do ano passado o aumento seja de 5,6%.¹

Fundamentando a análise no que ocorreu neste início de 2003, o desempenho assinalado faz com que as expectativas para o futuro próximo não sejam tão positivas, com tais resultados apontando na direção de uma fraca demanda por trabalho nos próximos meses, o que se constituiria, sem dúvida, em um desempenho mais de acordo com as projeções que vêm sendo feitas para o crescimento do PIB este ano (ao redor de 1,5%).

GRÁFICO 2.1

Taxa de Desemprego*



Fonte: IBGE. Elaboração: IPEA/DIMAC.
*Nova metodologia.

1. A magnitude deste crescimento é surpreendente, e, pode-se dizer, ainda não muito bem compreendida. Chama a atenção o fato de não haver paralelo em outras pesquisas domiciliares, como a PED de São Paulo (Dieese/Seade) e mesmo, quando considerada a evolução mensal verificada ao longo de 2002, com os valores apurados pela antiga metodologia da própria PME.

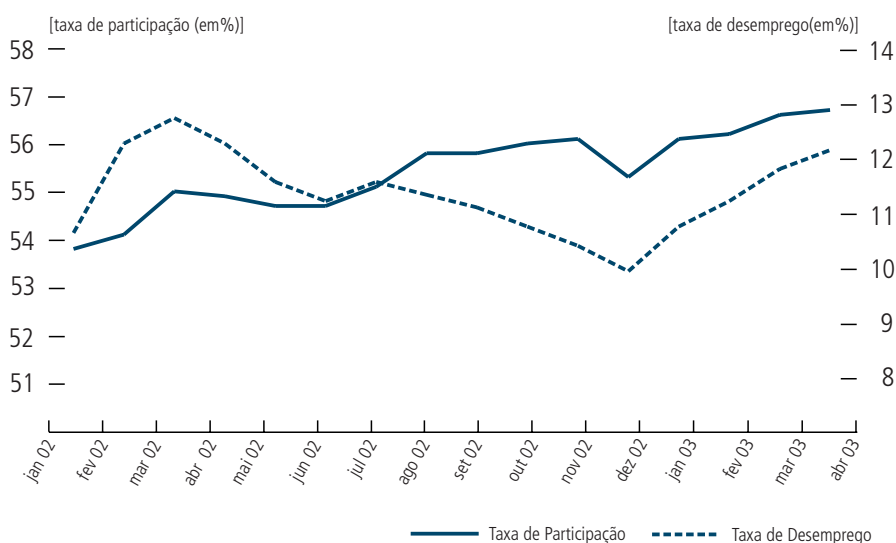
Por outro lado, a oferta de trabalho teve, nesses quatro meses, uma trajetória bastante significativa, com a população economicamente ativa (PEA) situando-se, em abril, em patamar cerca de 3,2% maior que o alcançado em dezembro de 2002. Como o crescimento da ocupação foi, como visto, de pouco mais de 1%, essa variação da PEA ocorreu principalmente em razão de um aumento extraordinário no número de pessoas desocupadas: 22,4%. Esse crescimento, quase explosivo, do número de desocupados merece atenção especial, pois a *taxa de participação*, que costuma ter um comportamento pró-cíclico, pode destoar deste padrão. Isso costuma acontecer quando, encontrando-se já em níveis relativamente baixos, ela reage a um longo período de fraco dinamismo da demanda, com as pessoas procurando oportunidades de trabalho remunerado, mesmo que o mercado não esteja sinalizando a sua existência, o que parece estar ocorrendo agora. A persistência desses dois fatores tende a produzir uma elevação considerável da taxa de desemprego, como a que se verificou no início de 1998.

Contudo, a evolução exibida pelos indicadores, segundo a nova PME, não permite um maior aprofundamento nesta linha de análise, tanto pelo caráter recente da série histórica, como pela dificuldade de interpretar os dados de ocupação, conforme já indicado. O gráfico a seguir, que apresenta a evolução das taxas de ocupação e de desemprego a partir de janeiro de 2002, não mostra, por exemplo, o patamar historicamente baixo em que se acha a taxa de participação. Por outro lado, fica nítido o impacto do crescimento anteriormente mencionado da ocupação (5,6% na comparação anual, em abril), responsável pelo aumento da taxa de participação, verificado entre maio e novembro de 2002, e pela queda da taxa de desemprego nesse período. Já em 2003 o impulso anteriormente dado à taxa de participação pelo crescimento do nível ocupação é substituído, praticamente sem transição, pelo aumento do número de desocupados, passando a crescer igualmente a taxa de desemprego.

Embora seja cedo para caracterizar o atual momento como exemplo de uma situação problemática, em que a combinação de níveis historicamente baixos de taxa de participação com um fraco dinamismo da demanda tende a elevar de forma sistemática a taxa de desemprego, deve-se apontar a existência, hoje, dos ingredientes necessários à sua realização. Nesse sentido, em termos dos valores observados, a taxa de desemprego mostra que, partindo

GRÁFICO 2.2

PME — Taxas de Participação e de Desemprego

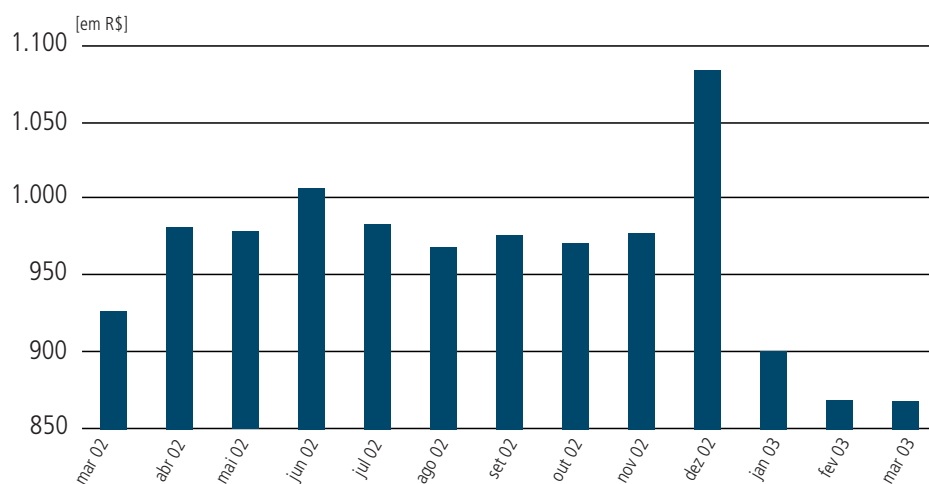


de 10,5% exibidos em dezembro, ela evoluiu para 11,2% em janeiro, 11,6% em fevereiro, 12,1% em março e 12,4% em abril. Assim, o seu comportamento neste início de ano, com elevação monotônica ao longo dos quatro meses, não deverá mais, caso se prolongue em maio, ser tomado como produto da sazonalidade do indicador e sim como alerta para a possibilidade de se estar entrando em um novo e indesejado patamar.

Quanto aos rendimentos médios reais, o panorama de queda que vem caracterizando este indicador manteve-se inalterado: embora em março não tenha havido praticamente nenhuma alteração em relação a fevereiro, a comparação com março de 2002 mostra uma diminuição de cerca de 6,3%.² Considerando-se as diferentes formas de relações de trabalho, os números apontam como maiores perdedores nesse período de 12 meses os trabalhadores por conta própria (-16,8%), seguidos dos empregados do setor público (-8,8%). Em relação aos empregados do setor privado, que em média tiveram perdas de 2,4%, a pior situação foi a dos empregados sem carteira, ao passo que os empregados com carteira quase conseguiram acompanhar a inflação do período, apresentando perdas reais de apenas 1,6%.

GRÁFICO 2.3

Rendimento Médio Real*



Fonte: IBGE. Elaboração: IPEA/DIMAC.
*Nova metodologia.

2. A comparação da média dos três primeiros meses deste ano com igual período de 2002 fica prejudicada, em razão de ser março o primeiro mês em que a nova PME apresenta os dados completos para as seis regiões pesquisadas.